

Nem Coxinha, Nem Mortadela: Heterogeneidade de Crenças Políticas do Eleitor Brasileiro e suas Relações com o Posicionamento Político¹

Clayton Pereira Gonçalves (UNIR - Universidade Federal de Rondônia)

Luciano Rossoni (UFU – Universidade Federal de Uberlândia)

RESUMO

Neste artigo, nós buscamos demonstrar que, apesar da recente polarização política nas eleições presidenciais brasileiras, a população apresenta esquemas heterogêneos de organização de suas crenças políticas, indo além da distinção entre esquerda e direita. Para tanto, nós buscamos capturar tal heterogeneidade de crenças políticas por meio do método Análise de Classes Correlacionais (CCA), que organiza os respondentes em subpopulações a partir do quanto suas atitudes apresentam um padrão similar, independentemente de haver consenso. Tendo base estudos acerca da cultura política (BALDASSARRI; GOLDBERG, 2014; BORBA, 2005; CONVERSE, 2006), nós averiguamos as atitudes dos eleitores frente à quatro temas: gastos do governo, direitos civis, mudança social e política externa e humanitária. Tais temas nos permitiram capturar três classes esquemáticas distintas – Ideólogos, Quase Ideólogos e Interesse de Grupo – cuja relação entre posicionamento político e os temas apresentam lógicas distintas.

Palavras-chave: cultura política; sistemas de crenças políticas; esquemas culturais; posicionamento político; comportamento eleitoral.

INTRODUÇÃO

Recorrentemente, afirma-se que a crença política do brasileiro está cada vez mais polarizada. Tal afirmação pauta-se especialmente no contraste entre as duas últimas eleições presidenciais, em que, em 2014, elegemos um governo de esquerda; já em 2018, um governo de extrema direita. Isso porque, sob a ótica de teorias psicológica do comportamento eleitoral, o eleitor toma a decisão do seu voto baseada no grau de intensidade em relação a um conjunto de temas políticos associados às suas preferências (CAMPBELL; CONVERSE; MILLER; STOKES, 1964), de forma que, se a atitude perante a tais temas muda, as preferências políticas acompanham tais mudanças.

Estudos empíricos tentam capturar tais preferências políticas por meio de levantamentos cuja intenção é evidenciar a cultura política do eleitor (HUNZAKER; VALENTINO, 2019; JOST, 2017; NAPIER; JOST, 2008). Logo, considerando que a cultura, inclusive a política, é formada por crenças individuais compartilhadas (DIMAGGIO, 1997), em nosso estudo seguimos o mesmo caminho, buscando identificar tais crenças em quatro dimensões: gastos do

¹ 44º Encontro Anual da ANPOCS. GT09 – Comportamento político, opinião pública e cultura política.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

governo, direitos sociais, mudanças sociais e política externa e humanitária (CONVERSE, 2006 [1964]; BALDASSARI; GOLDBERG, 2014; BAQUERO, 1994). Nossa expectativa é que analisar o sistema de crenças políticas permite compreender melhor o eleitor do que avaliando somente uma posição declarada em esquerda ou direita. Então, por utilizarmos escalas para cada uma das dimensões com múltiplos itens, avaliamos o grau de relevância dado por cada eleitor para cada dimensão. Isso permite capturar posições bastantes heterogêneas (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014), como, por exemplo, de um eleitor ser conservador na economia e ter uma posição favorável às mudanças sociais, assim como, de indivíduos que se preocupam com ações humanitárias, mas rejeita tanto um Estado centralizado, quando as doutrinas da ideologia de esquerda (ZIZEK, 2014).

Apesar de haver heterogeneidade de crenças políticas, estudos que buscam avaliar sua variação tendem a segmentar a amostra em subgrupos nos quais os indivíduos são agregados pela similaridade ou consenso acerca de tais crenças (BORBA, 2005; BAQUERO, 2011; CONVERSE, 2006 [1964]; FAETI; GIMENES, 2018). Tal estratégia apresenta dois problemas: o primeiro é analítico, pois como tais grupos apresentam valores similares nas variáveis, pouco se pode explorar da heterogeneidade dentro de cada grupo. O outro é de natureza epistemológica, pois pressupõe que culturas compartilhadas são consensuais, ignorando que indivíduos podem ter as mesmas formas de organizar suas crenças políticas, mesmo que discordem. Diante de tais problemas, Baldassarri e Goldberg (2014) empregaram uma nova técnica – denominada Análise de Classes Relacionais (RCA) – para segregar casos que compartilham dos mesmos esquemas, ou seja, apresentam padrões similares de respostas num questionário, mesmo quando discordem.

No presente estudo, buscamos demonstrar que, apesar da recente polarização política nas eleições presidenciais brasileiras, a população apresenta esquemas heterogêneos de organização de suas crenças políticas, indo além da distinção entre esquerda e direita. Para tanto, nós buscamos capturar tal heterogeneidade de crenças políticas por meio do método Análise de Classes Correlacionais (CCA), uma evolução do RCA, que organiza os respondentes em subpopulações a partir do quanto suas atitudes apresentam um padrão similar, independentemente de haver consenso. Para tanto, nós averiguamos as atitudes dos eleitores frente à quatro temas: gastos do governo, direitos sociais, mudança social e política externa e humanitária. Tais temas nos permitiram capturar três classes esquemáticas distintas – Ideólogos, Quase Ideólogos e Interesse de Grupo – cuja relação entre posicionamento político (mais à esquerda ou à direita) e os temas apresentam lógicas distintas.

O estudo está estruturado em seis partes: (1) apresentamos a literatura sobre cultura e crenças políticas, (2) esquemas e associações cognitivas e (3) modelos de apreciação e suas aplicações. Em seguida, (4) trazemos as hipóteses do trabalho e os (5) dados e o método adotado seguido da (6) análise dos resultados. Por fim, (6) discutimos os resultados.

DA CULTURA POLÍTICA ÀS CRENÇAS POLÍTICAS

Todo trabalho que busque uma compreensão, acerca da cultura política de alguma forma, depara-se com os trabalhos de Almond e Verba (1989 [1963]) e Pye e Verba (1965) que buscaram assimilar a cultura política por meio das crenças dos indivíduos, símbolos e valores responsáveis pela ação política presentes na democracia. Apesar das críticas existentes, a forma como classificaram e compreenderam os cidadãos no regime democrático como, por exemplo, o trabalho de Dalton e Wezel (2014) a maneira como desenharam o meio de alcançar a cultura política dos indivíduos por meio de suas crenças é válido e útil.

DiMaggio (1997) aponta que a cultura é formada por representações compartilhadas de crenças individuais com consequências comportamentais relevantes. Como exemplo, o autor cita a pesquisa de Noelle-Neumann (2003 [1980]) sobre a espiral do silêncio, em que alguns indivíduos, em situações de debates, calam-se, mesmo que discordem da opinião dos outros.

Além disso, a cultura e crenças políticas não são enraizadas, podendo haver uma mudança cultural (DIMAGGIO, 1997). Este fato, também, poderia explicar o fenômeno que vem ocorrendo, no Brasil, e conduzindo para uma polarização. Para DiMaggio (1997), a cultura opera por meio da interação de três formas: informação distribuída por pessoas; por estruturas mentais e representações esquemáticas de fenômenos sociais; e como sistemas de símbolos externos ao indivíduo como, por exemplo, mensagens distribuídas nas mídias e significados incorporados em padrões de atividade observáveis. Sendo assim, o autor defende ser possível compreender a cultura por meio da interação de estruturas cognitivas compartilhadas e por fenômenos culturais formados, coletivamente, os quais ativam as estruturas em graus variados.

O sistema de crenças consiste numa estrutura de ideias e atitudes em que os elementos são relacionados por um determinado grau ou interdependência funcional (CONVERSE, 2006). Quando estas ideias e atitudes estão relacionadas às predileções dos eleitores, no campo da política, temos o sistema de crenças políticas dos eleitores (CONVERSE, 2006; JOST; FEDERICO; NAPIER, 2009).

O grau e a interdependência funcional que relaciona os elementos do sistema de crenças políticas de Converse (2006) refere-se à probabilidade de ocorrer alguma mudança, na configuração de crenças do eleitor, em relação as suas crenças normativas e ou avaliativas

(LEUNG *et. al.*, 2002). O grau e a interdependência dos elementos do sistema podem ser entendidos, de acordo com a consistência das predileções dos eleitores sobre determinados temas políticos como, por exemplo, gastos do governo, direitos sociais, mudanças sociais e política externa e humanitária.

O sistema de crenças políticas compartilhadas é multidimensional e permite identificar maneiras distintas de organização das crenças dos eleitores como, por exemplo, encontrar uma classe de eleitores que são bastante “conservadores”, nas suas crenças relacionadas aos costumes, e “liberais”, no que diz respeito à economia (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014). Com possibilidades de representar bem o comportamento eleitoral brasileiro na eleição presidencial de 2018.

Não é o objetivo deste estudo fazer uma análise detalhada a respeito da teoria sobre cultura e crenças política. Outros autores já realizaram revisões específicas sobre cultura política (BAQUERO, 2011) e crenças políticas (VAN BAVEL; PEREIRA, 2018). O enfoque é trazer a relação entre crenças políticas compartilhadas, como um importante elemento da cultura política, a qual possibilite melhor entendimento sobre o eleitor brasileiro e proporcione maneiras de se aprimorar tais elementos em nossa sociedade.

ESQUEMAS E ASSOCIAÇÕES COGNITIVAS

As associações cognitivas são essenciais para a compreensão de processos culturais compartilhados (HUNZAKER; VALENTINO, 2019). Estas associações baseadas em esquema possibilitam melhor compreensão acerca da cultura política do eleitor brasileiro. DiMaggio (1997) apontou que a cultura opera por meio de estruturas mentais e representações esquemáticas de fenômenos sociais. Strauss e Quinn (1997) estabelecem que os esquemas podem ser entendidos como mecanismos do processamento cognitivo da informação.

As preferências políticas é uma atitude do eleitor gerada em resposta às crenças avaliativas (AJZEN; FISHBEN, 1980; LEUNG, *et al.*, 2002; CHONG; DRUCKMAM, 2007). Logo, pretendemos analisar de que forma o sistema de crenças políticas (CONVERSE, 2006; BALDASSARI; GOLDBERG, 2014) se relacionam com o posicionamento político.

A atitude em si é resultado de três perspectivas: cognitiva, comportamental e afetiva, de maneira consistente entre si ou não (FISKE; TAYLOR, 1991). Segundo os autores, trata-se de relação não observável entre um estímulo observável e uma resposta observável, ou seja, ela não é visível.

Dessa forma, as atitudes criadas por valores sociais e emoções são atitudes afetivas. As atitudes comportamentais são comportamentos associados a um determinado objeto e, por fim,

as atitudes ancoradas em fatos e informações são produzidas de forma cognitiva (PUTTE, 2008; SAMMUT, 2015).

Ademais, o eleitor julga as atividades políticas, imputando a responsabilidade pelas políticas sociais a determinados atores políticos por meio do processamento de notícias políticas recebidas, verdadeiras ou não. Assim sendo, o eleitor processa a informação que recebe e age de acordo com a sua necessidade, uma vez que há uma conexão entre os ambientes estrutural, cultural e o eleitor (ANDRAIN; APTER, 1995).

Além disso, as atitudes variam de acordo com a individualidade de cada eleitor, ou seja, são estruturadas de forma particular (TESSER, 1993), até pelo fato de que as normas sociais de alguns indivíduos podem ser diferentes das normas que os meios de comunicação apresentam (DIMAGGIO, 1997). Assim, compreendemos que as preferências políticas são formadas por atitudes comportamentais influenciadas em parte pelo grau de viés afetivo, baseado nas emoções do eleitor diante de um partido, candidato ou temas políticos e em parte influenciada por suas crenças convicções que formam o viés cognitivo.

Os significados compartilhados são resultados de um processo social que funciona em grupos como resultado da realidade social (ROSSONI *et al.*, 2021). Ademais, o processo cognitivo de formação de esquemas culturais funciona como *tightness* (MARTIN, 2000, 2002; RAWLINGS; CHILDRESS, 2019; WOOD *et al.*, 2018). Significa analisar os significados compartilhados por meio da organização de ideias e preferências, que emergem de redes complexas de significados (EMIRBAYER, 1997; MOHR; WHITE, 2008). Dessa forma, busca-se as razões e justificações que formam o sistema e não um padrão consensual de julgamentos em relação aos fatos.

Outrossim, alguns eleitores apresentam mais variações nas suas atitudes do que outros, resultado de influências sociais e mudanças circunstanciais (SAMMUT; BAUER, 2011). Atualmente, diversos indivíduos participam de tradições culturais plurais. mesmo que apresentem elementos inconsistentes em determinados momentos, o que demonstra a capacidade de estabelecerem respostas distintas e inconsistentes de acordo com situações contextuais (DIMAGGIO, 1997). Assim, as atitudes, também, são afetadas pelo contexto em que o eleitor está inserido (SAMMUT, 2015).

Devido a isso, a presente pesquisa pretende analisar como o eleitor brasileiro organiza suas crenças políticas, pautada em dimensões como, por exemplo, gastos do governo, direitos sociais, mudanças sociais e política externa e humanitária. Entendemos que as crenças políticas estão relacionadas aos aspectos cognitivos do indivíduo.

MODELOS DE APRECIÇÃO DE CLASSES ESQUEMÁTICAS

Buscamos a compreensão acerca do sistema de crenças políticas do eleitor brasileiro, por meio de uma abordagem relacional, em que acreditamos que a crença política do eleitor é formada dentro de um conjunto de relacionalidade (GOLDBERG, 2011) formado por diversos fatores. Enquanto métodos de análise de agrupamentos buscam maximizar a homogeneidade entre os respondentes, dentro de cada grupo por meio da similaridade das respostas, as classes buscam identificar os casos, pautando-se em dois princípios da sociologia cultural (DIMAGGIO *et al.*, 2018): a) relacionalidade, em que significados e atitudes não emergem de entidades, isoladamente, mas sim das relações entre elas, por exemplo, um determinado sistema de crenças pode ter o aborto como uma crença central, contudo, para alguns indivíduos contrários ao aborto é por uma questão religiosa, e para outros indivíduos favoráveis pelo fato de que a mulher deve ter o direito sobre seu corpo; b) multiplicidade, que decorre do princípio da relacionalidade, como esta aponta a possibilidade de indivíduos relacionarem de forma distinta as mesmas crenças. Isso irá gerar padrões distintos de organização do sistema de crenças, que ocasionarão em subpopulações dentro de uma mesma população.

Ademais, a CCA permite que a captação da visão de mundo do respondente de forma mais completa. Por meio dessa abordagem é possível construir padrões mais complexos das crenças políticas, a partir da compreensão de que as crenças políticas podem ser formadas por diversos graus, na estrutura de entendimento acerca de temas políticos como a moralidade, direitos sociais, gastos do governo e política externa e humanitária (CONVERSE, 2006; BALDASSARI; GOLDBERG, 2014). Um eleitor pode ser conservador, nos costumes morais, mas ter uma posição de forte apoio aos direitos sociais. A presente abordagem permite captar essa ambiguidade, e, como sugere Carlin e Singer (2011) a respeito do apoio ao regime democrático, uma classificação unidimensional obscurece uma gama de informações, as quais são relevantes para a compreensão do sujeito.

A CCA examina as relações entre variáveis e indivíduos, na busca por classes de indivíduos, que apresentem redes de esquemas semelhantes, analisando as posições dos respondentes, em relação a uma variedade de questões, as quais formam um domínio social específico (BOUTYLINE, 2017).

Dessa forma, entendemos que a CCA permitirá analisar como o eleitor brasileiro organiza o seu sistema de crenças políticas e, a partir disso, poderemos testar como se relacionam com o posicionamento político, com os temas políticos. Trazendo, possivelmente, um caminho para a compreensão da polarização política vivenciada, no Brasil, dado a existência

de trabalhos que já apontam para uma polarização política nas massas (DIMAGGIO; EVANS; BRYSON, 1996; FIORINA; ABRAMS, 2008).

HIPÓTESES

Uma dificuldade apontada para a captação dos sistemas de crenças políticas é o argumento de que grande parte dos eleitores não conseguem expressar, em linhas gerais, a base de suas crenças políticas. No entanto, esse sistema é organizado por meio de atitudes e comportamentos, mesmo que não consigam expressar discursivamente suas ideias, por meio de suas atitudes e comportamentos, é possível captar tais sistemas (CONVERSE, 2006 [1964]).

Como já mencionado, na seção anterior, utilizaremos a CCA, um método indutivo para análise cultural e construção das classes de eleitores, de acordo com o sistema de crenças políticas compartilhadas. No entanto, relembremos a possibilidade de combinar a técnica com outros métodos de análise hipotético dedutivo, por meio de construção *a priori* de hipóteses, como sugerido e aplicado por Hunzaker e Valentino (2019), os quais analisaram como liberais e progressistas do eleitorado americano compreendem o significado de pobreza.

Nesse sentido, analisaremos como os eleitores brasileiros assimilam o posicionamento político, esquerda e direita, em relação aos temas políticos, e como se relacionam com eles. Em seguida, investigaremos como o sistema de crenças políticas compartilhadas se relaciona com o voto e como as dimensões do sistema de crenças políticas do eleitor brasileiro se correlacionam com as convicções dos eleitores.

Muito se discute acerca das diferenças psicológicas, diante de posicionamentos políticos distintos, Jost (2017) aponta a existência de “afinidades eletivas” entre os processos cognitivos e motivacionais formadores dos sistemas de crenças políticas de cada posicionamento político. É como se os eleitores progressistas, assim como os conservadores, tivessem uma predisposição em concordar com certas crenças políticas por elas apresentarem uma afinidade, em relação as demais, as quais já compõem o seu sistema e crenças políticas.

Assim, em virtude de o posicionamento político afetar as preferências políticas dos eleitores, adotando preferências relacionadas ao seu posicionamento ideológico (HUNZAKER; VALENTINO, 2019), propomos as seguintes hipóteses:

H1: Quanto mais à direita, no espectro político, maior as preferências por reduções na dimensão dos gastos do governo.

H2: Quanto mais à esquerda, no espectro político, maior a concordância por temas na dimensão dos direitos sociais.

H3: Quanto mais à esquerda, no espectro político, maior a concordância em relação aos temas relacionados a dimensão mudanças sociais.

H4: Quanto mais à direita, no espectro político, maior a discordância em relação às ações humanitárias e de relações amplas com nações diversificadas na dimensão política externa e humanitária.

DADOS E MÉTODO

Os dados foram coletados por meio de um questionário eletrônico, cujos respondentes foram selecionados em listas de telefone e e-mail. Adotamos uma amostra não probabilística por conveniência (HAIR *et al.*, 2018) e bola de neve (GOODMAN, 1961), uma vez que não foi possível acessar eleitores de todos os estados e Distrito Federal por meio de amostra aleatória (FIELD, 2017). Obtivemos uma amostra com 2049 respondentes, dos quais 612 foram descartados por apresentarem dados ausentes, e outros 20 foram eliminados por serem repetidos. Isso nos permitiu compor uma amostra com 1417 casos, distribuídos assimetricamente entre as regiões do país. A pesquisa foi aplicada entre os meses de março a novembro, do ano de 2019, por meio virtual.

Acerca das variáveis, buscamos identificar os sistemas de crenças políticas do eleitor por meio de itens adaptados do ESEB (2014), do Latin American Public Opinion Project (LAPOP, 2017) e do American National Election Studies (ANES), cujas atitudes foram medidas em escalas Likert de cinco pontos organizadas em 4 dimensões – gastos do governo, direitos civis, mudança social e política externa e humanitária – que serviram de base para a identificação das classes esquemáticas por meio do CCA.

Como estratégia de identificação, buscamos um tratamento quase experimental nas classes esquemáticas por meio do *Propensity Score Matching*, a fim de gerar os pesos para cada caso com intuito de gerar maior robustez na análise (BURGETTE; GRIFFIN; MACCAFFREY, 2017). O objetivo deste estudo não é, exatamente, reduzir o viés da amostra para cada grupo, mas, buscar garantir que o efeito das classes seja resultado da estrutura das relações das variáveis. Para tal, rodamos a *propensity score* com os mesmos itens que utilizamos para gerar as classes, pelo método *Average Treatment Effect* (ATE), e em cada modelo que analisamos as classes, utilizamos a variável gerada *w.psm* como variável de controle.

Com intuito de identificar se os dados das variáveis atendiam aos pressupostos de normalidade e linearidade, realizamos um diagnóstico a respeito da normalidade, colinearidade, resíduos e observações influentes. Todas as variáveis apresentaram valores aceitáveis para assimetria e curtose (valores entre -1,5 e 1,5) (FIELD, 2017). Prosseguindo com o diagnóstico

dos dados, as correlações (valores abaixo de 0,8) entre as variáveis e o VIF (valores abaixo de 5), também, não apresentaram problemas relacionados à multicolinearidade (HAIR *et al.*, 2018). Retiramos alguns outliers que apresentaram resíduos padronizados ($Z_{red} > 2,5$) acima do aceitável, assim como, à distância de Cook e a alavancagem (*leverage*) fora dos limites recomendados. As estatísticas de influência DFBeta padronizado para todas as variáveis apresentaram valores abaixo de 1 (FIELD, 2017). Todos os modelos apresentaram valores adequados para a estatística de Durbin-Watson ($1,5 < \text{Durbin-Watson} < 2,5$), como recomendado por Field (2017). Em seguida, analisamos por meio de regressão linear o efeito do posicionamento político em relação as dimensões políticas para a amostra total e para cada uma das classes, demonstrando que seguem lógicas distintas, comparando as diferenças entre os coeficientes das classes por meio do teste de quebra estrutural de Chaw.

Ademais, realizamos um pré-teste para averiguação do nível de resposta proposta, observação das escalas de medição, falhas na organização das perguntas e possíveis dúvidas geradas pelo tema proposto da pesquisa, realizamos um pré-teste com 78 respondentes durante o mês de fevereiro de 2019.

Variáveis Dependentes: Dimensões da Cultura Política

Estudos contemporâneos acerca da cultura política pressupõem que ela é formada por meio de significados compartilhados (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014; BOUTYLINE, 2017; WU, 2014), cujos esquemas culturais são captados por meio da apreciação cognitiva dos indivíduos sobre a realidade social (DIMAGGIO, 1997; STRAUSS; QUINN, 1997).

Como já mencionado, optamos por avaliar a cultura política por meio de quatro dimensões políticas: gastos do governo, direitos sociais, mudanças sociais e política externa e humanitária (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014; BOUTYLINE; VAISEY, 2017; CONVERSE, 2006 [1964]), utilizando e adaptando itens presente, no ESEB (2014), LAPOP (2017) e ANES.

Dessa forma, analisamos cada uma das dimensões da cultura política, separadamente, por meio dos testes KMO, de esfericidade de Bartlett e Determinante. Todas as dimensões apresentaram apenas um fator, necessitando de alguns ajustes de inversão e eliminação de itens, os quais não agregavam a própria dimensão. Após os ajustes de cada dimensão, analisamos a confiabilidade de cada dimensão por meio do alfa de Cronbach e ICC. Como sugerem Field (2017) e Hair *et al.* (2018), foram eliminados 6 itens ao total por não contribuírem para a dimensão ou por reduzirem a confiabilidade. A tabela 1 apresenta cada dimensão da cultura política com seus itens e respectiva carga fatorial, itens invertidos estão sinalizados.

Tabela 1 Cargas Fatoriais das Dimensões da Cultura Política

Dimensões com respectivos itens	Carga Fatorial
<i>Gastos do Governo</i>	
Assistência a negros	0,794
Assistência a gays, lésbicas e transsexuais (LGBT)	0,770
Programas de redução de desigualdade Social	0,760
Assistência a pessoas carentes	0,748
Cuidados com a população em situação de rua (moradores de rua)	0,725
Habitação popular	0,724
Cuidados com os portadores de HIV/AIDS	0,713
Investimentos em cultura e arte	0,710
Combate ao desmatamento	0,707
Programa Minha Casa Minha Vida	0,702
Universidades Públicas	0,697
Lei Rouanet	0,652
Creche	0,635
Bolsa Família	0,632
Auxílios Universitários (FIES - Financiamento Estudantil)	0,626
Escolas públicas	0,615
Saúde pública para todos	0,606
<i>Direitos Sociais</i>	
O governo deve oferecer ajuda e apoio aos negros	0,864
Os negros devem ter direito a cotas nas Universidades Federais	0,816
O governo deve oferecer ajuda e apoio às mulheres	0,762
A escravidão e discriminação dificultaram a vida dos negros	0,710
Os negros ainda não são tratados igualitariamente na sociedade.	0,690
A manutenção e ampliação dos direitos humanos é importante para a sociedade	0,675
Estudantes de classes baixas devem ter direito a cota nas Universidades Federais	0,665
O governo deve apoiar ações sociais junto aos mais pobres	0,642
É um grande problema a sociedade não oferecer igualdade de condições para todos	0,631
Se os negros se esforçassem mais, poderiam estar tão bem quanto os brancos (invertida)	0,594
A sociedade deve garantir igualdade de oportunidades	0,578
Nós teríamos menos problemas, se as pessoas fossem tratadas de forma mais igualitária	0,547
Se os pobres se esforçassem mais, poderiam estar tão bem quanto os ricos (invertida)	0,527
O governo deve oferecer passe livre (transporte público de graça) aos estudantes	0,498
<i>Mudanças Sociais</i>	
Haveria menos problemas, se houvesse mais ênfase nos laços familiares tradicionais (invertida)	0,790
Meninos devem ser criados como meninos e meninas devem ser criadas como meninas (invertida)	0,781
Devemos ter educação sexual a partir do ensino fundamental	0,759
Quando o aborto deve ser permitido?	0,707
As leis devem proteger os homossexuais contra a discriminação no trabalho	0,654
Os gays podem ser autorizados a servir nas forças armadas	0,598
As mulheres devem obedecer aos seus maridos (invertida)	0,592
<i>Política Externa e Humanitária</i>	
Devemos aceitar imigrantes venezuelanos	0,885
Devemos aceitar imigrantes de países pobres e em guerra	0,881
Devemos ter políticas de ajuda humanitária para estrangeiros	0,834
Devemos nos esforçar para termos um bom relacionamento com a Venezuela	0,586
Devemos aceitar imigrantes europeus com boa qualificação técnica e acadêmica	0,564
Devemos nos esforçar para termos um bom relacionamento com o MERCOSUL	0,552

A tabela 2 apresenta de forma sucinta os valores dos testes KMO, Bartlett e Determinante, assim como os valores referentes à confiabilidade: alfa e ICC, e correlações para cada dimensão da cultura política.

Tabela 2 Correlação Intraclass e Confiabilidade dos Fatores da Cultura Política

	Itens	KMO	Alfa de Cronbach	ICC	2	3	4
1. Gastos do Governo	17	0,943***	0,93	0,45***	0,739**	0,540**	0,503**
2. Direitos Sociais	14	0,903***	0,9	0,39***		0,668**	0,586**
3. Mudanças Sociais	7	0,865***	0,83	0,40***			0,516**
4. Política externa e humanitária	6	0,793***	0,81	0,41***			

Nota: ***Bartlett($p < 0,001$); ** $p < 0,01$; N = 1417.

O primeiro fator abrangeu elementos relativos às políticas públicas, nas quais se buscou analisar o julgamento do respondente, acerca de uma presença maior ou menor do Estado, nestas políticas, o fator ficou composto por 17 itens e alfa de *Cronbach* de 0,93. Já o segundo fator é formado por 14 itens que estão relacionados à (dis)concordância do respondente, em relação aos direitos sociais, não houve exclusão de nenhum item e apresentou alfa de *Cronbach* de 0,90. O terceiro fator é composto por 7 itens que captam o julgamento, em relação aos costumes, bem como mudanças sociais e alfa de *Cronbach* de 0,83. Finalmente, o último fator se refere a atitudes, em relação a países vizinhos, blocos econômicos e ajuda humanitária, representando ações de política externa e humanitária, composto por 6 itens e alfa de *Cronbach* de 0,81.

Foram retirados alguns itens de alguns fatores por não contribuírem para a composição dos fatores, por exemplo: *Apoio financeiro a empresas privadas; e Incentivos para a indústria* para o fator *Gastos do Governo*.

Variável Independente e Variáveis de Controle

Tomamos o posicionamento político (*Posicionamento de Direita*) do eleitor como variável independente, que foi mensurado por uma escala que varia de 0 a 10, em que 0 representa um posicionamento à esquerda e 10 à direita, muito comum em outras pesquisas relacionadas ao tema (BRANDT, 2020; ESEB, 2014; JOST, 2006; RODRIGUEZ; SABUCEDO; COSTA, 1993). Como variáveis de controle utilizamos: (i) *Religiosidade*, uma escala que mede a importância da religião na vida; (ii) Uma variável para medir a idade; (iii) *Masculino* é uma *dummy* em que o gênero feminino é a referência; (iv) *Heterossexual* é uma *dummy* em que a orientação sexual heterossexual é contraponto à referência das demais orientações; (v) *Renda* é uma variável ordinal crescente; (vi) *Instrução* é variável ordinal crescente para categorizar a instrução do respondente; (vii) *Branco* é uma *dummy* em que a cor

branca é contraponto às demais, que são a referência; (viii) *Casado* é uma *dummy* em que categoria casado é contraponto às demais categorias que são a referência.

Mapeando os Esquemas de Crenças Políticas por meio de Classes Correlacionais

Para capturar os esquemas de crenças políticas por meio do CCA, utilizamos os quatro fatores da cultura política: *gastos do governo, direitos sociais, mudanças sociais e política externa e humanitária*. Três classes relacionais foram identificadas, as quais corresponderam a 28% (n=401), 47% (n=669) e 25% (n=347) do total de 1417 respondentes. Para cada classe, representamos a rede de crenças com base nas correlações entre as crenças políticas analisadas, para construir as dimensões da cultura política. Relembramos que as classes não representam grupos homogêneos, trata-se de uma técnica para captar sistemas organizados de forma compartilhada que apresentam heterogeneidade populacional. Dessa forma, dentro de uma mesma classe, existem grupos distintos que julgam tais crenças como importantes, mesmo que discordem (BOUTYLINE, 2017; GOLDBERG, 2011). Com o intuito de evidenciar a distinção dos sistemas de crenças formado pelas classes, aplicamos o teste de Jennrich (1970), para testar a igualdade das matrizes de correlação da amostra total, em relação as classes e entre as próprias classes. Todos os testes apontaram que as matrizes são significativamente distintas ($p < 0,001$).

Faremos aqui uma breve apresentação acerca de cada classe e, em seguida, apontaremos a análise realizada separadamente para cada classe. A classe 1 apresentou um sistema de crenças pouco coeso, com baixa correlação entre as crenças e algumas correlações não significativas, nomeamos como um sistema de crenças representativo de *Interesse de grupo*, por representarem grupos que se preocupam com si próprio. A classe 2 apontou um sistema de crenças consistente, com alta correlação entre a grande maioria das crenças e poucas correlações não significativas. Nomeamos esta classe como um sistema de crenças dos *Ideólogos* por representar grupos que, notadamente, compreendem as dimensões políticas, as quais formam a cultura política e organizam suas atitudes políticas, seguindo o campo ideológico esquerda x direita. Por fim, a classe 3 é formada por um sistema de crenças que se localiza entre as duas primeiras classes, tem um sistema mais coeso que a primeira, porém não muito consistente quanto a segunda, apresenta bastante correlações significativas, contudo são baixas, apresenta também algumas correlações não significativas. Nomeamos como *Quase Ideólogos*, está associado a grupos que organizam suas atitudes políticas, buscando o campo ideológico, entretanto apresentam certa limitação na compreensão acerca das dimensões da cultura política. Tais sistemas de crenças políticas e nomeações foram identificados, no eleitorado norte

americano (BALDASSARI; GOLDBERG, 2014; CONVERSE, 2006) e no eleitorado do Rio Grande do Sul (BAQUERO, 1994).

Todavia, grandes matrizes são pouco intuitivas para a interpretação de sistemas de crenças, exigindo recursos gráficos mais poderosos. Como a metáfora de redes se ajusta muito bem aos pressupostos e intuições de sistemas de crenças e valores, normalmente se busca representar tais classes usando grafos de análises de redes sociais (BOUTYLINE; VAISEY, 2017; DIMAGGIO *et al.*, 2018; GOLDBERG, 2011). Por essa razão, na Figura 1, ilustramos a matriz de correlação de cada classe por meio de um grafo de rede. Os nós vermelhos são as crenças da dimensão *gastos do governo*, os nós verdes representam a dimensão *direitos sociais*, os nós azuis são as crenças da dimensão *mudanças sociais* e, por fim, as crenças relacionadas a *política externa e humanitária* estão na cor amarelo. O tamanho do nó indica a importância da crença no sistema. Adicionalmente, nós plotamos a matriz de correlação das crenças de cada classe, as variáveis estão organizadas na forma que compõe cada dimensão da cultura política. Nota-se a presença de algumas correlações não significativas ($p > 0,05$), destacadas em amarelo. As correlações com azul mais intenso representam as correlações fortemente positivas enquanto, as correlações mais baixas apresentam um azul mais claro próximo da cor branca.

A classe *Interesse de Grupo* apresenta uma rede com diversas crenças periféricas afastadas do sistema e não é possível identificar uma dimensão coesa com os itens que compõem as dimensões o que também pode ser notado pela matriz de correlação a presença de algumas correlações não significativas ($p > 0,05$), destacadas em amarelo, e a grande parte das correlações, apesar de significativas ($p < 0,05$) e positivas, são muito baixas.

A classe *Ideólogos* apresenta uma estrutura do sistema de crenças com as dimensões: *gastos do governo*, *direitos sociais* e *política externa e humanitária* estão muito bem definidos e coesos. A rede apresenta poucas crenças periféricas. Pela matriz de correlação nota-se poucas correlações não significativas ($p > 0,05$), destacadas em amarelo.

A classe *Quase Ideólogos* apresenta uma estrutura do sistema de crenças da classe com as dimensões *gastos do governo* e *política externa e humanitária* bem definidas. As dimensões *direitos sociais* e *mudanças sociais* apresentam algumas crenças importantes para a rede, mas não se mostram de forma coesa, as crenças aparecem dissociadas de sua dimensão, no sistema, com algumas crenças, mostrando-se periféricas. Pela matriz de correlação nota-se algumas correlações não significativas ($p > 0,05$), destacadas em amarelo, as demais são todas significativas ($p < 0,05$) e positivas. É possível observar que a dimensão *gastos do governo* destaca-se como uma dimensão consistente, cujas todas correlações são significativas.

Interesse de Grupo

Ideólogos

Quase Ideólogos

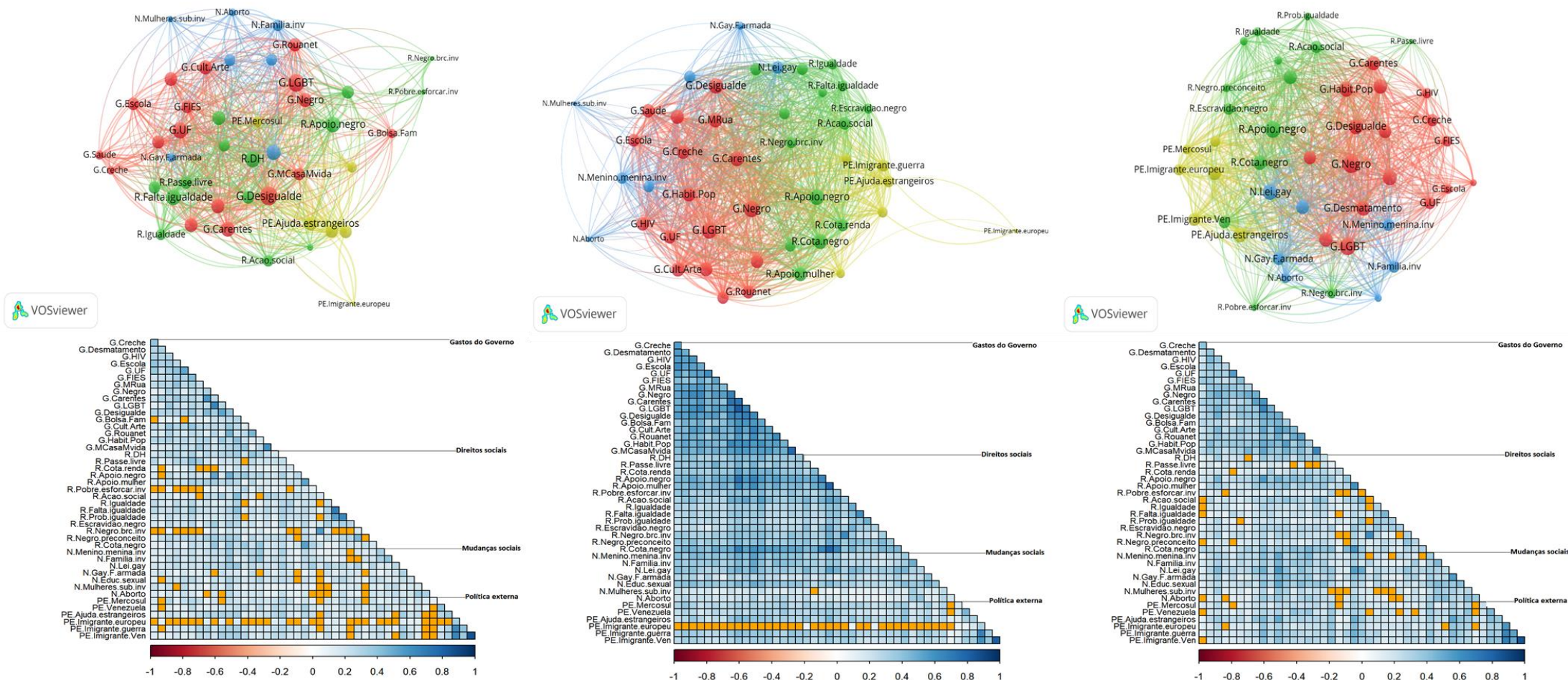


Figura 1 Classes Esquêmicas dos Sistemas de Crenças Políticas

RESULTADOS

Tendo como objetivo testar as hipóteses 1 a 4, nas tabelas 3 e 4 avaliamos a influência do posicionamento político em cada uma das dimensões da cultura política. Para cada dimensão, temos quatro modelos: um para a amostra total e outros três para cada uma das classes que representam esquemas de crenças políticas distintos. Na tabela 3, apresentamos os resultados acerca das dimensões Gastos do Governo e Direitos Sociais. Já na tabela 4, estão os resultados acerca das dimensões Mudanças Sociais e Política Externa e Humanitária. Na figura 2, os pontos e linhas azuis referem-se aos efeitos na amostra total. Os pontos e linhas laranja representam a classe interesse de grupo, os de cor verde referem-se aos ideólogos e por fim, os pontos e linhas na cor rosa representam os efeitos na classe quase ideólogos.

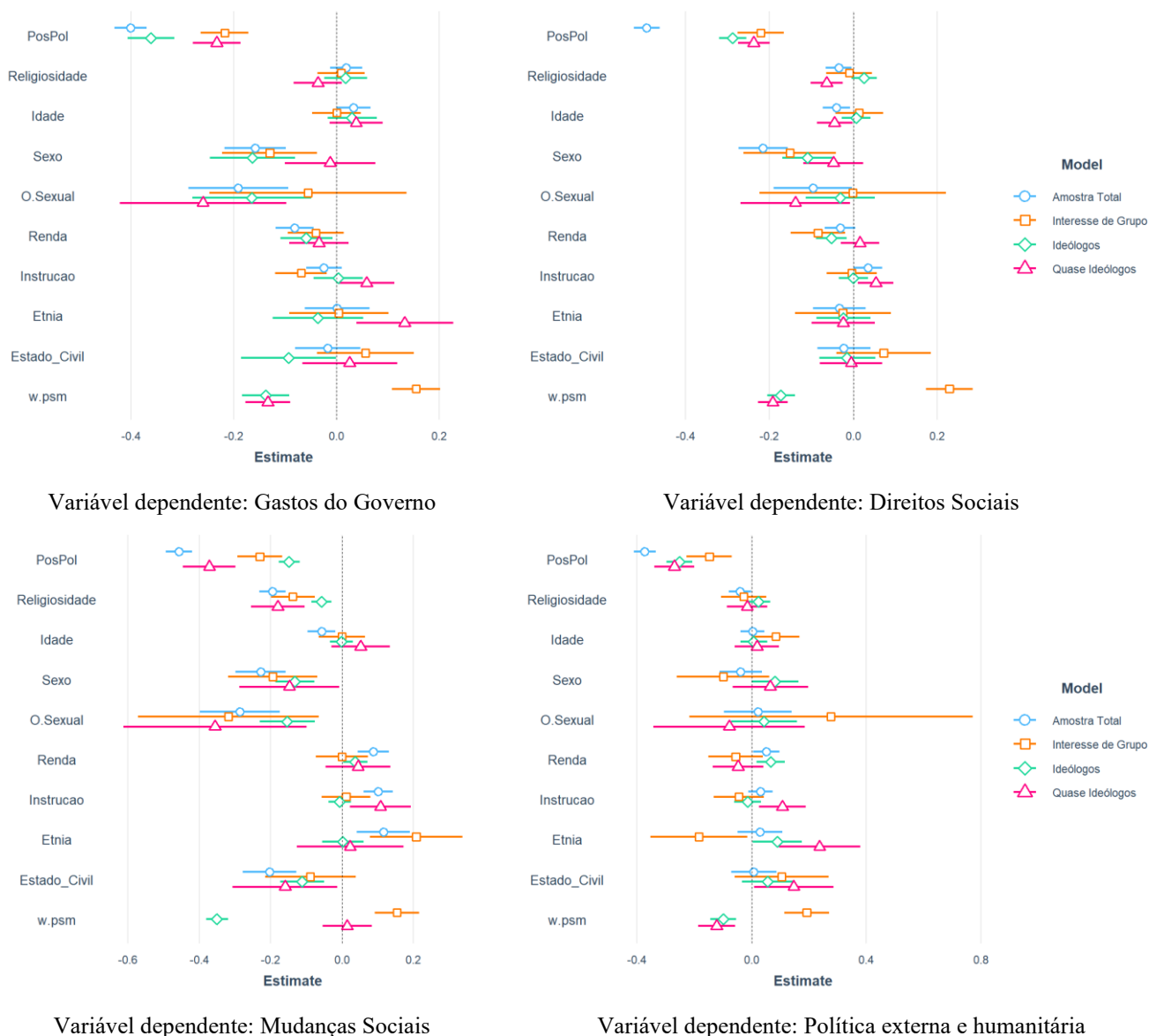


Figura 2 Coeficientes Padronizados (95% I.C.) dos Modelos OLS. Nota: Os pontos representam os coeficientes padronizados de cada variável e as linhas referem-se ao intervalo de confiança.

De uma maneira geral, os dados apontam que todas as dimensões das crenças políticas crenças políticas respondem de maneira similar ao posicionamento político, de forma que, quanto mais à esquerda, maior a concordância em aumentar os gastos, ter mais direitos sociais, acreditar em mudanças sociais e apoiar políticas externas e humanitária. Contudo, a intensidade de tais efeitos variam significativamente entre as classes esquemáticas, daí a importância de se observá-las. Tal fato é corroborado pelos testes de mudança estrutural de *Chow*, os quais apontam que todos os modelos referentes às classes são estruturalmente diferentes ($p < 0,001$).

Os modelos 1 a 4 da tabela 3 expõem os coeficientes das variáveis acerca da dimensão Gastos do Governo, reproduzidos de forma padronizada na figura 2. O maior coeficiente de explicação se deu na classe dos Ideólogos ($R^2 = 0,464$), além de o teste de *Chow* aponta para efeitos distintos entre cada uma das classes. No entanto, em todos os modelos, quanto mais à esquerda no posicionamento, maior a propensão em concordar com um aumento dos gastos do governo, corroborando a **hipótese 1**.

Tabela 3 Coeficientes dos Modelos OLS para Gastos do Governo e Direitos Sociais

	Gastos do Governo (H1)				Direitos Sociais (H2)			
	(1) Amostra Total	(2) Interesse de Grupo	(3) Ideólogos	(4) Quase Ideólogos	(5) Amostra Total	(6) Interesse de Grupo	(7) Ideólogos	(8) Quase Ideólogos
Posicionamento de Direita	-0.135*** (0.005)	-0.090*** (0.010)	-0.151*** (0.010)	-0.074*** (0.007)	-0.168*** (0.005)	-0.091*** (0.012)	-0.122*** (0.007)	-0.075*** (0.006)
Religiosidade	0.013 (0.011)	0.007 (0.018)	0.012 (0.015)	-0.028 (0.019)	-0.024** (0.011)	-0.007 (0.021)	0.017* (0.011)	-0.049*** (0.015)
Idade	0.003** (0.001)	0.00003 (0.002)	0.003 (0.002)	0.003 (0.002)	-0.003** (0.001)	0.001 (0.002)	0.001 (0.002)	-0.004** (0.002)
Masculino	-0.158*** (0.030)	-0.130*** (0.047)	-0.163*** (0.042)	-0.012 (0.045)	-0.215*** (0.030)	-0.151*** (0.056)	-0.108*** (0.031)	-0.047 (0.036)
Heterossexual	-0.191*** (0.049)	-0.055 (0.098)	-0.165*** (0.059)	-0.260*** (0.082)	-0.096** (0.048)	-0.001 (0.113)	-0.030 (0.042)	-0.138** (0.066)
Renda	-0.050*** (0.012)	-0.026 (0.018)	-0.035** (0.016)	-0.023 (0.020)	-0.019* (0.012)	-0.055** (0.021)	-0.032*** (0.011)	0.011 (0.016)
Instrucao	-0.022 (0.016)	-0.068*** (0.025)	0.003 (0.023)	0.055** (0.026)	0.032** (0.016)	-0.003 (0.030)	0.001 (0.016)	0.051** (0.021)
Branco	0.001 (0.032)	0.005 (0.049)	-0.036 (0.045)	0.133*** (0.048)	-0.033 (0.032)	-0.025 (0.058)	-0.023 (0.033)	-0.024 (0.038)
Casado	-0.017 (0.032)	0.057 (0.048)	-0.093** (0.047)	0.026 (0.047)	-0.022 (0.032)	0.072 (0.057)	-0.014 (0.034)	-0.005 (0.038)
w.psm		0.055*** (0.008)	-0.260*** (0.044)	-0.097*** (0.016)		0.095*** (0.012)	-0.328*** (0.032)	-0.136*** (0.013)
Constant	5.034*** (0.109)	4.514*** (0.199)	5.206*** (0.153)	4.801*** (0.174)	5.424*** (0.107)	4.116*** (0.236)	5.636*** (0.111)	5.302*** (0.141)
Observations	1.368	380	654	328	1.374	390	632	308
R ²	0.395	0.350	0.472	0.421	0.504	0.353	0.552	0.565
Adjusted R ²	0.391	0.333	0.464	0.403	0.501	0.336	0.544	0.550
F Statistic	98.410***	19.894***	57.543***	23.040***	153.927***	20.652***	76.397***	38.538***

Note: * $p < 0.1$ ** $p < 0.05$ *** $p < 0.01$; Chow test of structural change ($p < 0,001$).

Já nos modelos 5 a 8 da tabela 3, apresentamos os coeficientes para a dimensão Direitos Sociais, também exibidos na figura 2. A classe Quase ideólogos apresenta o coeficiente de explicação ligeiramente maior do que a classe dos Ideólogos ($R^2 = 0,565$), em que o efeito do posicionamento político é claramente distinto entre a amostra total e as classes. Como em todos os modelos, quanto mais à esquerda no posicionamento, maior a propensão em concordar com a ampliação e manutenção dos direitos sociais, corroboramos a **hipótese 2**.

Nos modelos 1 a 4 da Tabela 4, são apresentados os coeficientes para a dimensão Mudanças Sociais, ilustrados também na figura 2. O coeficiente de explicação é expressivamente maior na classe dos Ideólogos ($R^2 = 0,672$), além de haver diferenças entre as classes. Porém, em todos os modelos, quanto mais à esquerda no posicionamento maior a propensão em concordar com tópicos relacionados à mudança social e aos costumes, corroborando a **hipótese 3**.

Tabela 4 Coeficientes dos Modelos OLS para Mudanças Sociais e Política Externa e Humanitária

	Mudanças Sociais (H3)				Política Externa e Humanitária (H4)			
	(1) Amostra Total	(2) Interesse de Grupo	(3) Ideólogos	(4) Quase Ideólogos	(5) Amostra Total	(6) Interesse de Grupo	(7) Ideólogos	(8) Quase Ideólogos
Posicionamento de Direita	-0.153*** (0.006)	-0.096*** (0.013)	-0.062*** (0.006)	-0.116*** (0.012)	-0.126*** (0.007)	-0.062*** (0.017)	-0.105*** (0.010)	-0.086*** (0.011)
Religiosidade	-0.135*** (0.013)	-0.107*** (0.024)	-0.040*** (0.010)	-0.139*** (0.029)	-0.028** (0.013)	-0.021 (0.031)	0.016 (0.014)	-0.012 (0.028)
Idade	-0.005*** (0.002)	-0.00004 (0.003)	-0.0002 (0.001)	0.004 (0.004)	0.0003 (0.002)	0.007** (0.003)	0.001 (0.002)	0.002 (0.003)
Masculino	-0.228*** (0.036)	-0.194*** (0.063)	-0.132*** (0.028)	-0.148** (0.071)	-0.038 (0.037)	-0.099 (0.082)	0.082** (0.041)	0.066 (0.067)
Heterossexual	-0.286*** (0.057)	-0.318** (0.129)	-0.154*** (0.039)	-0.356*** (0.131)	0.022 (0.060)	0.277 (0.251)	0.044 (0.058)	-0.078 (0.134)
Renda	0.055*** (0.014)	-0.0005 (0.024)	0.022** (0.010)	0.030 (0.031)	0.032** (0.015)	-0.035 (0.031)	0.041*** (0.015)	-0.032 (0.030)
Instrucao	0.092*** (0.019)	0.011 (0.034)	-0.006 (0.015)	0.100** (0.040)	0.028 (0.020)	-0.043 (0.043)	-0.012 (0.022)	0.102*** (0.039)
Branco	0.116*** (0.038)	0.207*** (0.066)	0.002 (0.030)	0.023 (0.076)	0.030 (0.040)	-0.184** (0.086)	0.091** (0.044)	0.237*** (0.072)
Casado	-0.203*** (0.038)	-0.089 (0.064)	-0.112*** (0.031)	-0.160** (0.075)	0.008 (0.040)	0.106 (0.083)	0.057 (0.046)	0.147** (0.070)
w.psm		0.056*** (0.012)	-0.635*** (0.028)	0.011 (0.028)		0.166*** (0.034)	-0.183*** (0.043)	-0.116*** (0.031)
Constant	4.920*** (0.127)	4.359*** (0.263)	5.840*** (0.102)	4.179*** (0.273)	4.349*** (0.133)	3.818*** (0.389)	4.455*** (0.151)	4.061*** (0.266)
Observations	1.417	397	654	344	1.396	360	632	312
R ²	0.503	0.344	0.672	0.421	0.259	0.152	0.278	0.295
Adjusted R ²	0.500	0.327	0.666	0.404	0.254	0.128	0.266	0.271
F Statistic	158.267***	20.265***	131.473***	24.260***	53.771***	6.264***	23.854***	12.568***

Note: *p < 0.1 **p < 0.05 ***p < 0.01; Chow test of structural change (p < 0,001).

Por fim, nos modelos 5 a 8 da Tabela 4, são apresentados os coeficientes para a dimensão Política Externa e Humanitária. O coeficiente de explicação é ligeiramente maior na classe dos quase ideólogos ($R^2 = 0,295$), havendo diferenças entre as classes e a amostra total. Pela figura 2, é possível observar que o coeficiente padronizado do posicionamento político é claramente distinto entre a classe interesse de grupo e as demais. Contudo, em todos os modelos, quanto mais à direita no posicionamento menor a propensão em concordar com tópicos relacionados a ações de apoio e relacionamento no que diz respeito à política externa e humanitária, corroborando a **hipótese 4**.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Neste estudo, nós buscamos capturar a heterogeneidade de crenças políticas do brasileiro por meio do método Análise de Classes Correlacionais (CCA), que organiza os respondentes em subpopulações a partir do quanto suas atitudes apresentam um padrão similar, independentemente de haver consenso. Para tanto, nós averiguamos as atitudes de 1417 eleitores frente à quatro temas: gastos do governo, direitos civis, mudança social e política externa e humanitária, que nos permitiu identificar três classes esquemáticas: 1) Ideólogos, cujo sistema de crenças é coeso, em que as dimensões políticas são altamente correlacionadas. 2) Quase Ideólogos, cujas dimensões apresentam alguma coesão e consistência, porém mais fracas que a classe de ideólogos. 3) Interesse de Grupo, cujas crenças e dimensões políticas são mal definidas e fracamente correlacionadas.

Ao reproduzir os modelos de regressão que relacionavam posicionamento político e as dimensões da cultura política, os resultados apontaram que, mais na classe de ideólogos do que nas outras classes, quanto maior o extremismo à direita, mais os indivíduos são contra a gastos do governo, direitos civis e política externa e humanitária. Para as demais classes, a relação entre posicionamento político com os mesmos itens era mais branda, com exceção de mudança social, em que os quase ideólogos se mostraram mais sensíveis à questões conservadoras, quando mais à direita, que nas demais classes.

A principal implicação deste estudo é que ele ressalta que esquemas compartilhados de significados podem remeter a relações nomológicas distintas em cada uma das classes, o que seria impossível de se observar na amostra completa ou dentro de qualquer grupo definido de forma homogênea. O CCA permite considerar a cultura política fragmentada em esquemas distintos, os quais os membros de cada classe interpretam o mundo político de forma distinta. Isso permite estratificar o eleitor em diferentes formas de organização das crenças, indo além do grau de concordância com temas de direita ou esquerda. Logo, se alguns rotulavam

pejorativamente pessoas de direita como coxinhas e de direita como mortadela, a análise e classes aponta que o eleitor brasileiro tem construções mais complexas sobre os temas centrais para o debate político. Conhecer os esquemas de crenças do eleitor brasileiro não só permitiria maior compreensão sobre seu voto, mas também saber quais esquemas são mais suscetíveis à mudança de opinião entre eleições.

REFERÊNCIAS

- AJZEN I., Fishbein M. **Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1980.
- ALMOND, Gabriel A.; VERBA, Sidney. **The Civic Culture**. California: Sage, [1963] 1989.
- ANDRAIN, Charles; APTER, David. **Political protest and social change: analyzing politics**. New York: Springer, 1995.
- BALDASSARRI, Delia; GOLDBERG, Amir. Neither ideologues nor agnostics: Alternative voters' belief system in an age of partisan politics. **American Journal of Sociology**, v. 120, n. 1, p. 45-95, 2014.
- BAQUERO, Marcelo. Cultura(s) política(s) e democracia no século XXI na América Latina. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- BAQUERO, Marcelo. O desencanto com a democracia: análise do comportamento eleitoral dos gaúchos nas eleições de 1994. **Opinião Pública**, v. 2, n. 2, p. 73-94, 1994.
- BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. **Opinião pública**, v. 11, n. 1, p. 147-168, 2005.
- BOUTYLINE, Andrei. Improving the measurement of shared cultural schemas with correlational class analysis: Theory and method. **Sociological Science**, 4, p. 353– 393. 2017.
- BOUTYLINE, Andrei; VAISEY, Stephen. Belief network analysis: A relational approach to understanding the structure of attitudes. **American Journal of Sociology**, v. 122, n. 5, p. 1371-1447, 2017.
- BRANDT, Mark J. Estimating and examining the reliability of belief system networks. **Working paper**. Tilburg: Tilburg University, 2020.
- BURGETTE, Lane; GRIFFIN, Beth Ann; MCCAFFREY, Dan. Propensity scores for multiple treatments: A tutorial for the mnps function in the twang package. **R package. Rand Corporation**, 2017.
- CAMPBELL, Angus; CONVERSE, Philip E.; MILLER, Warren E.; STOKES, Donald E.. **The American Voter: an abridgment**. New York: Wiley, 1964.
- CARLIN, Ryan E.; SINGER, Matthew M. Support for Polyarchy in the Americas. **Comparative Political Studies**, v. 44, n. 11, p. 1500-1526, 2011.
- CHONG, Dennis; DRUCKMAN, James N. Framing theory. **Annu. Rev. Polit. Sci.**, v. 10, p. 103-126, 2007.
- CONVERSE, Philip E. The nature of belief systems in mass publics. **Critical review**, v. 18, n. 1-3, p. 1-74, [1964] 2006.
- DALTON, Russell J.; WELZEL, Christian (Ed.). **The civic culture transformed: From allegiant to assertive citizens**. New York: Cambridge University, 2014.
- DIMAGGIO, Paul., Sotoudeh, R., Goldberg, Amir.; Shepherd, H. Culture out of attitudes: Relationality, population heterogeneity and attitudes toward science and religion in the US. **Poetics**, 68, 31-51. 2018.
- DIMAGGIO, Paul. Culture and cognition. **Annual review of sociology**, v. 23, n. 1, p. 263-287, 1997.
- DIMAGGIO, Paul; EVANS, John; BRYSON, Bethany. Have American's social attitudes become more polarized?. **American journal of Sociology**, v. 102, n. 3, p. 690-755, 1996.
- EMIRBAYER, M. Manifesto for a Relational Sociology. **American Journal of Sociology**, v.103 n.2, p.281-317, 1997.
- ESEB 2014, **Brazilian Electoral Survey 2014**. Disponível em <<http://www.cesop.unicamp.br>>. Acessado em Outubro de 2018.
- FAETI, Filipe V.; GIMENES, Éder R.. Cultura política e Poder Local: estatismo segundo os vereadores de Santa Catarina. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 9, n. 1, 2018.
- FIELD, Andy. **Discovering statistics using SPSS**. 5ed. London: Sage publications, 2017.
- FIORINA, Morris P.; ABRAMS, Samuel J. Political Polarization in the American Public. **Annual Review of Political Science** v.11, p. 563-588, 2008.
- FISKE, Susan T.; TAYLOR, Shelley E. **Social cognition**, 2nd. NY: McGraw-Hill, p. 16-15, 1991.
- GOLDBERG, Amir. Mapping shared understandings using relational class analysis: The case of the cultural omnivore reexamined. **American Journal of Sociology**, v. 116, n. 5, p. 1397-1436, 2011.
- GOODMAN, L. A. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, v. 32, n. 1, p. 148-170, 1961.

HAIR, Jr. Joseph. F.; BLACK, William C.; BABIN, Barry J.; ANDERSON, Rolph E. **Multivariate Data Analysis**, 8a ed., Upper Saddle River: Prentice-Hall, 2018.

HUNZAKER, MB Fallin; VALENTINO, Lauren. Mapping Cultural Schemas: From Theory to Method. **American Sociological Review**, v. 84, n. 5, p. 950-981, 2019.

JENNRICH, Robert I. An asymptotic χ^2 test for the equality of two correlation matrices. **Journal of the American Statistical Association**, v. 65, n. 330, p. 904-912, 1970.

JOST, J.T. The end of the end of ideology. **American Psychologist**, 61, 651-670. 2006.

JOST, John T. Ideological asymmetries and the essence of political psychology. **Political psychology**, v. 38, n. 2, p. 167-208, 2017.

JOST, John; FEDERICO, Christopher; NAPIER, Jaime. Political Ideology: Its Structure, Functions, and Elective Affinities. **Annual Review of Psychology** v. 60 n.1 p.307-37, 2009.

LAPOP. The Political Culture of Democracy in the Americas. **O Barômetro das Américas 2016 Questionário Brasil**. Vanderbilt University, 2017

LEUNG, Kwok; BOND, Michael Harris; CARRASQUEL, Sharon Reimel de; MUNOZ, Carlos; HERNANDEZ, Marisela; MURAKAMI, Fumio; YAMAGUCHI, Susumu; BIERBRAUER, Gunter, SINGELIS, Theodore M. Social axioms: The search for universal dimensions of general beliefs about how the world functions. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 33, n. 3, p. 286-302, 2002.

MARTIN, J. L. Power, authority, and the constraint of belief systems. **American Journal of Sociology**, v.107 n.4, p. 861-904, 2002.

MARTIN, J. L. The relation of aggregate statistics on beliefs to culture and cognition. **Poetics**, v. 28 n.1, p.5-20, 2000.

MOHR, J.; WHITE, H. How to Model an Institution. **Theory and Society**, v.37, p.485-512, 2008.

NAPIER, Jaime L.; JOST, John T. Why are conservatives happier than liberals?. **Psychological Science**, v. 19, n. 6, p. 565-572, 2008.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio - Opinión pública: nuestra piel social**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2003.

PUTTE, Bas Van Den. Advertising Strategies. In: DONSBACH, Wolfgang. **The International Encyclopedia of Communication**, p. 108-112. Malden: Wiley-Blackwell, 2008.

PYE, Lucien W.; VERBA, Sidney. (Ed.). **Political Culture and Political Development**, New Jersey: Princeton University, 1965.

RAWLINGS, Craig M.; CHILDRESS, Clayton. Emergent Meanings: Reconciling Dispositional and Situational Accounts of Meaning-Making from Cultural Objects. **American Journal of Sociology**, v. 124, n. 6, p. 1763-1809, 2019.

RODRIGUEZ, M.; SABUCEDO, J. M.; COSTA, M. Factores motivacionales y psicosociales asociados a distintos tipos de acción política. **Psicología Política**, 7(2), 19-38. 1993.

ROSSONI, Luciano; GONÇALVES, Clayton Pereira; SILVA, Mônica Pereira da; GONÇALVES, Alex Ferreira. Mapping Organizational Culture Schemas Based on Correlational Class Analysis: A Tutorial. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 25, n. 1, p. e200096-e200096, 2021.

SAMMUT, Gordon. Attitudes, social representations and points of view. In: SAMMUT, Gordon; ANDREOULI, Eleni; GASKELL, Geroe e VALSINER, Jaan. **Cambridge Handbooks in Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

SAMMUT, Gordon; BAUER, Martin W. Social influence: modes and modalities. In HOOK, Derek; FRANKS, Bradley; BAUER, Martin W. **The social psychology of communication**, p. 87-106. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

STRAUSS, Claudia; QUINN, Naomi. **A cognitive theory of cultural meaning**. New York: Cambridge University Press, 1997.

TESSER, Abraham. The importance of heritability in psychological research: The case of attitudes. **Psychological review-new york-**, v. 100, p. 129-129, 1993.

VAN BAVEL, Jay J.; PEREIRA, Andrea. The partisan brain: An Identity-based model of political belief. **Trends in cognitive sciences**, v. 22, n. 3, p. 213-224, 2018.

WOOD, M. L.; STOLTZ, D. S.; VAN NESS, J.; TAYLOR, M. A. Schemas and frames. **Sociological Theory**, v.36, n3, p.244-261, 2018.

WU, Angela Xiao. "Ideological Polarization Over a China-as-Superpower Mindset: An Exploratory Charting of Belief Systems Among Chinese Internet Users, 2008-2011." **International Journal of Communication** v. 8, p. 2243-2272, 2014.

ZIZEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2014.